
Hiroshima: o Jornalismo Literário na obra de John Hersey¹

Amanda Regina ROSA²
Samuel Pantoja LIMA³

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

Resumo

O presente artigo tem como proposta analisar o livro reportagem *Hiroshima*, do escritor e jornalista John Hersey, no que tange às características e aos recursos do *New Journalism* e do Jornalismo Literário empregados na obra. A partir de uma pesquisa bibliográfica, busca-se estabelecer uma relação entre algumas particularidades desses estilos jornalísticos – como narratividade, humanização e perenidade – e o texto de John Hersey. O objetivo é explicar por que a reportagem *Hiroshima*, publicada originalmente em 1946 e transformada em livro posteriormente, pode ser considerada uma predecessora do Jornalismo Literário.

Palavras-chave: *Hiroshima*; Jornalismo Literário; *New Journalism*; pesquisa em Jornalismo.

1 Introdução

O livro *Hiroshima* é resultado de uma reportagem realizada pelo escritor e jornalista John Hersey em relação à explosão da bomba atômica *Little Boy* sobre a cidade japonesa de Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945, ao término da Segunda Guerra Mundial. A explosão foi a primeira das duas únicas causadas por armas nucleares em guerras até hoje⁴. A matéria foi publicada originalmente na revista estadunidense *The New Yorker* no dia 31 de agosto de 1946, sendo posteriormente transformada em livro. Na primeira publicação, *Hiroshima* possuía quatro capítulos, mas depois fez-se uma edição com a anexação de um quinto, com informações de quando Hersey volta a cidade e reencontra seus personagens, demonstrando as consequências na vida dessas pessoas ao longo dos 40 anos após a explosão.

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação do 7º Semestre do Curso de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: amandarrosa22@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Doutor em Engenharia do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina e professor do Curso de Jornalismo da UFSC. Email: samuca13@gmail.com.

⁴ A segunda explosão foi lançada na cidade japonesa de Nagasaki, no dia nove de agosto de 1945.

Hersey trabalhou nas revistas *Time* e *Life*, além da *The New Yorker*, dedicando-se principalmente ao jornalismo internacional. Como escritor, publicou mais de 25 livros, que ficaram conhecidos por abordar histórias da sociedade moderna, envolvendo questões como educação, democracia e condições de sobrevivência. Dentro desse último viés, o autor escreveu a reportagem sobre Hiroshima, que teve uma repercussão excepcional, capaz de esgotar os 300 mil exemplares da revista *The New Yorker* rapidamente. Ademais, a edição foi vendida com preços muito superiores ao estabelecido na capa e lida em diversas programações radialistas, conforme aponta Suzuki Jr. no posfácio da obra, intitulado *Jornalismo com H* (HERSEY, 2002).

As consequências da reportagem de Hersey foram muito além do momento da publicação. Por meio de suas singularidades, *Hiroshima* mudou a visão de muitos indivíduos sobre o episódio da bomba atômica e conquistou o topo de inúmeras listas de melhor reportagem já escrita. Além de reunir aspectos tidos como fundamentais na prática jornalística, a reportagem é considerada uma das obras referenciais do início do estilo norte-americano que ficou conhecido como *New Journalism* (PENA, 2006).

A partir das considerações apresentadas sobre a importância da obra de Hersey, este artigo objetiva analisar o livro reportagem *Hiroshima* no que tange às características e aos recursos do *New Journalism* e do Jornalismo Literário empregados na obra, a partir de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida por meio da consulta de fontes teóricas preexistentes, principalmente livros e artigos científicos, e, “embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas” (GIL, 2008, p. 71). Nesse tipo de pesquisa, as perguntas são direcionadas aos autores (RITTER, 2013) e busca-se compreender uma questão ou explicar um problema a partir das referências teóricas.

A pesquisa aqui apresentada iniciou-se com a leitura atenta de *Hiroshima*, realizada como atividade de uma disciplina do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A leitura motivou um interesse de pesquisa na autora com a identificação da obra como Jornalismo Literário. A partir disso, seguiu-se o roteiro metodológico proposto por Gil (2008) para pesquisa bibliográfica. O primeiro

passo, portanto, foi a formulação do problema a ser investigado – neste caso, “por que a obra de Hersey pode ser considerada uma predecessora do *New Journalism* e do Jornalismo Literário?”.

Posteriormente, elaborou-se um plano de trabalho com temas de leitura, e fez-se a identificação das fontes “capazes de fornecer as respostas adequadas à solução do problema proposto” (GIL, 2008, p.73), ou seja, pesquisadores da área estudada. Realizou-se, então, a leitura dos materiais de forma analítica, identificando informações relevantes e estabelecendo relações entre estas e o problema proposto pela pesquisa, com a finalidade de “ordenar e resumir as informações contidas nas fontes, de forma que possibilitem a obtenção de respostas” (GIL, 2008, p.75). Depois do fichamento das fontes bibliográficas, as ideias foram organizadas e relacionadas com as anotações prévias sobre o livro *Hiroshima*. “A partir da leitura, as anotações e fichamentos servem à fundamentação teórica do estudo” (PELINSON, 2013, p.3). Por fim, fez-se uma releitura de *Hiroshima*, e a redação do artigo aqui apresentado.

2 Jornalismo Literário e *New Journalism*

O objeto do Jornalismo é produzir um conhecimento sobre a realidade, a partir de fatos sociais. Tal comprometimento com o que seria a verdade fez com que a linguagem jornalística tenha se construído com características que priorizam a objetividade, sem adjetivos e comentários que demonstrem parcialidade, emoção ou indícios de autoria, questões apontadas frequentemente nos manuais de redação da profissão. Já a literatura fundamenta-se em outra direção: comunica a partir da imaginação, da ficção, comprometida com a verossimilhança tão somente. Dessa forma, a construção do texto é subjetiva, com uso de recursos expressivos. Essa distância não impede, contudo, que haja convergências entre os estilos. “Jornalismo nunca será literatura e literatura nunca será Jornalismo. A combinação de ambos os gêneros nas reportagens, que aproximem de forma real o leitor da notícia que está sendo passada é jornalismo literário” (MENDONÇA; CARDOSO, 2015, p.4).

A prática do Jornalismo Literário propõe mesclar características literárias com narrativas jornalísticas, permitindo que a reportagem seja realizada de uma maneira

mais criativa do que no jornalismo diário, que tende a seguir padrões pela necessidade da informação rápida e prática. O gênero une recursos que fornecem sentimento e estética aos textos da literatura ao comprometimento com a realidade que dá base aos textos jornalísticos. Conta histórias, mas sempre histórias de não-ficção – alicerce que garante ao texto a credibilidade da informação.

O Jornalismo Literário busca cumprir, da mesma forma que o jornalismo convencional, sua função de informar para promover a compreensão de realidades. Mas ele busca realizar tal tarefa de forma inovadora e criativa, usufruindo de liberdade de recursos narrativos e linguísticos, ou, ainda, com liberdade de pautas, apuração, tamanho do texto, entre outras “permissões” não dadas ao Jornalismo factual (FALCO; GAMA, 2015, p.46).

Pena (2006) explica que o Jornalismo Literário pode ser classificado de diversas maneiras. Para alguns pesquisadores, refere-se às críticas de obras literárias; para outros, inclui biografias e romances-reportagem; pode ainda ser entendido como o período em que os escritores assumiram funções de editores, cronistas e autores de folhetins; e, por fim, pode ser identificado com o movimento do *New Journalism*. Na visão do autor, todas essas classificações podem ser compreendidas como subgêneros ou correntes do Jornalismo Literário.

O *New Journalism* se popularizou por volta da década de 1960, através de nomes consagrados como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe. Em 1973, Wolfe escreveu um manifesto ao estilo, descrevendo suas características. Apesar disso, é possível reconhecer a grande influência de predecessores, sobretudo na *The New Yorker*, uma das revistas que apostou na ideia de libertação do lide e da objetividade.

No século XX, antes do manifesto de Wolfe, já há escritores que antecipam o gênero. O mais significativo deles talvez seja John Hersey, autor do célebre Hiroshima (1946), que utilizou uma narrativa romanceada para escrever um livro jornalístico (PENA, 2006, p.53).

Entre os recursos básicos do *New Journalism*, apontados por Wolfe, segundo Pena (2006), estão a reconstrução da história cena a cena, a apresentação das cenas pela visão de diferentes personagens, e o registro de hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas dos personagens. Todas essas características podem ser

encontradas no texto de Hersey, assim como outras que serão elencadas a seguir, demonstrando como *Hiroshima* é, pioneiramente, um exemplo de Jornalismo Literário e de *New Journalism*.

3 Narratividade

Um dos primeiros tópicos que chama a atenção do texto de *Hiroshima* é sua organização, a começar pelo lide. O lide é o primeiro parágrafo da matéria jornalística, e que costuma seguir um determinado padrão dentro dos critérios do jornalismo tradicional. Neste, o lide reúne as informações mais relevantes sobre o acontecimento em questão, respondendo algumas perguntas básicas para a compreensão do ocorrido – quem, quando, onde, o que, como, por que, para que, e daí (PINTO, 2009).

No entanto, no Jornalismo Literário em geral, o lide costuma ser substituído por formas mais criativas de composição, que buscam despertar a atenção e a curiosidade do leitor. Isso acontece porque esse estilo não tem a pretensão de informar rapidamente, como ocorre com uma notícia diária, onde “variáveis como prazo e espaço disponível pressionam o profissional e o próprio veículo de mídia impressa a enxugar texto e tempo para que a informação se adeque à necessidade do leitor e cumpra sua missão primordial de informar” (WEISE, 2013, n.p.). O interesse do lide factual reside na proposição do conhecimento fundamental para o leitor já no começo do texto, enquanto, no Jornalismo Literário, não há preocupação com a novidade, “com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível” (PENA, 2006, p. 14), mas sim de se contar uma história.

Em *Hiroshima*, tem-se uma reportagem sobre um acontecimento amplamente difundido, e que já havia ocorrido há um ano. Hersey introduz sua história de uma forma muito simples – remetendo à simplicidade presente em todo o texto –, mas completa, que consegue transmitir ao leitor exatamente o fato importante e novo que será apresentado no decorrer da narrativa, que é a história por trás dos sobreviventes. O lide da reportagem é: “No dia 6 de agosto de 1945, precisamente às oito e quinze da manhã, hora do Japão, quando a bomba atômica explodiu sobre Hiroshima, a srta. Toshiko Sasaki (...)” (HERSEY, 2002, p. 7). Em seguida, o autor começa a narrar o que

cada um dos personagens fazia naquele momento, destacando as singularidades de cada indivíduo e sua relação com o acontecimento.

Além do lide, todo o encadeamento de informações no decorrer da reportagem segue um caráter literário. “A narratividade refere-se ‘mais especificamente à linguagem intrínseca do texto, ao encadeamento temporal na sucessão de estados de transformação e a sua essência é o relato sequencial de ações’” (MOTTA, 2003, p.25 *apud* FARIA, 2011). Em *Hiroshima*, o fato de o texto estabelecer seis histórias diferentes, mas que se cruzam e se encaixam em vários momentos, torna a tarefa redacional mais complicada do que de costume, em virtude da necessidade de interrupções e retornos a determinados temas. Ainda assim, Hersey consegue alcançar uma hierarquização das informações que apresenta ao leitor os fatos de forma clara e atrativa, sob seu olhar e presença, com o uso da narrativa cinematográfica.

A escolha do autor é diferenciar os momentos com os capítulos da obra, seguindo uma certa ordem cronológica – reconstruindo o acontecimento cena a cena: *Um Clarão Silencioso* para o momento da explosão; *O Fogo* para os instantes logo após a tragédia; *Investigam-se os Detalhes* para os dias que se seguiram; *Flores Sobre Ruínas* para até um ano após a ocorrência; e *Depois da Catástrofe*, adicionado posteriormente, para os 40 anos seguintes. É possível notar a técnica literária nos próprios títulos atribuídos aos capítulos, que, ao contrário das manchetes objetivas do jornalismo tradicional, apresentam uma perspectiva abstrata dos acontecimentos a serem relatados.

4 Uma nova verdade

“O jornalismo literário, além de trazer as informações completas, somadas a uma boa narrativa escrita, proporciona ao leitor uma visão mais ampla do acontecimento” (WEISE, 2013, n.p.). Muitas reportagens já haviam sido feitas após a explosão da bomba, mas a abordagem de Hersey voltou-se para uma perspectiva mais ampla e para um ângulo diferente daqueles que até então haviam sido mostrados pela imprensa estadunidense. Hersey optou pela humanização das vítimas – o ineditismo de sua obra está justamente na personificação das pessoas, que tornam-se mais do que números.

Pode-se dizer que o autor apresentou um novo ponto de vista sobre o acontecimento, uma nova versão da verdade à população.

A veracidade dos fatos é um dos fundamentos do jornalismo, inclusive apontado no Código de Ética da profissão (FENAJ, 2007). Mas, além disso, deve-se buscar a manifestação da pluralidade de verdades existentes, visto que, acerca de um acontecimento, podem existir muitas versões verdadeiras, de acordo com o enfoque. Cabe aos meios de comunicação, portanto, oferecer o máximo de versões da verdade, permitindo que a população acesse mais informações e chegue a conclusões próprias, de forma autônoma. “A meta principal do jornalismo é contar a verdade de forma que as pessoas disponham de informação para sua própria independência” (FULLER, 1997, *apud* KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.34).

As informações divulgadas até então sobre a bomba de Hiroshima relacionavam-se, sobretudo, com a visão de fontes oficiais e institucionais – ou seja, mostravam este ângulo da história, o que se constitui em uma versão da verdade. Contudo, o ângulo das vítimas, das pessoas que estavam presentes no acontecimento, ainda não havia sido contado – a mídia não havia mostrado essa parte da realidade. A ideia de mostrar uma “nova verdade” aos americanos surgiu de uma sugestão do editor da *The New Yorker*, Willian Shawn, mas foi Hersey quem decidiu o método a ser utilizado para tal fim: contar a história através da perspectiva de seis *hibakushas* – expressão japonesa utilizada em referência aos afetados pela bomba.

Hersey não se limitou a utilizar informações e dados oficiais já conhecidos publicamente, mas priorizou em sua narrativa a vida dos atingidos. Assim, mostrou uma nova verdade à população americana – eles podiam já saber os números, mas não conheciam as pessoas, suas famílias, histórias e sentimentos; a descrição dos horrores da bomba, ao vivo e em cores. Essa abordagem, além de trazer ineditismo à obra, também reforçou o compromisso com a cidadania, aspecto que deve ser prezado em qualquer gênero jornalístico. “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade” (PENA, 2006, p. 14).

5 Humanização

O diferencial da obra *Hiroshima* está no enfoque dado às vítimas da explosão. De certa forma, pode-se dizer que os seis *hibakushas* são protagonistas da história, de forma que a bomba atômica em si é levantada por meio da relação com as vítimas – há uma personificação do acontecimento. Os personagens são: Srta. Toshiko Sasaki, funcionária de uma casa de fundição; Dr. Masakazu Fujii, médico que possuía um hospital particular; Sra. Hatsuyo Nakamura, viúva de guerra com três filhos (de 10, 8 e 5 anos); Dr. Terufumi Sasaki, cirurgião que trabalhava no hospital da Cruz Vermelha; Padre Wilhelm Kleinsorge, jesuíta alemão; e Reverendo Kiyoshi Tanimoto, pastor.

Dessa maneira, a humanização, característica intrínseca ao Jornalismo Literário, está presente do início ao fim do texto. “Uma boa narrativa de vida real apresenta personagens humanos, que aceitam expor seus problemas, dificuldade, alegrias e tristezas” (MENDONÇA; CARDOSO, 2015, p.11). Durante toda sua narrativa, Hersey vai alternando entre as personagens e contando suas histórias, em diferentes momentos: na hora da explosão e nos dias que se seguiram, um ano e quatro décadas mais tarde.

Um ano depois da explosão a Srta. Sasaki era uma aleijada; a sra. Nakamura vivia na pobreza; o padre Kleinsorge estava novamente hospitalizado; o dr. Sasaki não dava conta do trabalho como antes; o dr. Fujii perdera o hospital de trinta quartos que levava muitos anos para adquirir e não planejava reconstruí-lo; o Sr. Tanimoto continuava com sua igreja em ruínas e já não tinha sua excepcional vitalidade. A vida dessas seis pessoas, que estavam entre as mais afortunadas de Hiroshima, nunca voltaria a ser a mesma (HERSEY, 2002, p.93).

Ao adentrar na história de vida dessas seis pessoas comuns, mulheres e homens, nativos e estrangeiros, trabalhadores, crianças e idosos, o autor propicia ao leitor uma informação mais aprofundada e contextualizada; além de promover um sentimento de identificação. “Na narrativa humanizada, evitam-se os estereótipos, e as pessoas não são tratadas como ‘fontes’, e sim como ‘pessoas’, personagens da narrativa” (FALCO; GAMA, 2015, p.46).

Ao demonstrar a vida real dos personagens, Hersey promove uma aproximação do leitor, passando com êxito a mensagem de que qualquer outra pessoa poderia ter vivenciado àquela história. Logo, Hersey atinge o objetivo jornalístico de transmitir a

consciência do fato a quem não o presenciou (LAGE, 2012). A busca pelas famílias ou por um lugar seguro logo após a explosão, a devastação da cidade, o desespero das pessoas, que não compreendiam o que estava acontecendo, são alguns dos aspectos ressaltados nesse sentido, como no trecho a seguir:

As crianças maiores se mantiveram em silêncio, porém Myeko, a caçula de cinco anos, não parava de perguntar: ‘Por que já é noite? Por que nossa casa caiu? O que aconteceu?’. Sem saber o que havia acontecido (não soara o aviso de que o perigo passara?), a mãe olhou em torno e, através da escuridão, percebeu que todas as casas tinham desabado (HERSEY, 2002, p.25).

No caso de *Hiroshima*, por se tratar de um acontecimento tão impactante na história da humanidade, essas características que o autor alcançou em seu texto foram ainda mais importantes, visto que ajudaram a mudar a percepção de muitas pessoas sobre o ocorrido, e, portanto, confirmaram a importância do Jornalismo na compreensão do mundo. Antes da reportagem de John Hersey, o episódio da bomba atômica era muitas vezes vista superficialmente pela população e mídia norte-americana, de forma impessoal e até mesmo em tom de gozação (RITTER, 2013). Hersey traz uma função social em sua obra, refletindo em promoção de consciência cidadã e percepção do outro.

6 Fontes de informação

“Um dos principais patrimônios do jornalista são suas fontes” (PINTO, 2009, p.181). As fontes estão intimamente relacionadas com a construção do acontecimento jornalístico – elas fazem parte da narrativa e são representantes do ângulo escolhido pelo repórter. Ao analisar *Hiroshima*, é possível perceber como a escolha destas fontes, e a relação estabelecida entre elas e o repórter, são aspectos fundamentais na elaboração do texto. Hersey destaca fontes primárias, dando voz aos testemunhos de quem esteve diretamente envolvido com a bomba. Mais uma vez, o autor segue características do Jornalismo Literário, evitando as chamadas fontes institucionais ou oficiais, como especialistas e políticos, para dar voz à quem de fato vivenciou a experiência, e que, no caso, ainda não havia sido ouvido.

Como não há tempo no Jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados (PENA, 2006, p.15).

Ao longo da narrativa, fica explícito que a reportagem não poderia ter sido redigida de outra maneira, sem as fontes testemunhais. Hersey relata em várias partes da obra o que pensavam os personagens sobre a explosão, suas dúvidas e incertezas. Também demonstra casos extremamente singulares, que jamais teriam sido contados a partir de outras perspectivas que não às das vítimas. Um exemplo é o episódio da mulher que carregava seu bebê falecido e procurava desesperadamente seu marido, negando-se a aceitar que o mesmo também estava, provavelmente, morto.

Evidentemente o bebê estava morto havia já muitas horas. A sra. Kamai se levantou de um salto ao ver o reverendo e pediu: ‘O senhor poderia tentar localizar meu marido, por favor?’. (...) Sabia que não havia possibilidade de encontrar o marido da jovem, ainda que o procurasse, mas quis animá-la. ‘Vou tentar’, respondeu (HERSEY, 2002, p.47).

Outro trecho que pode ser destacado é a descrição de Hersey sobre o hospital da Cruz Vermelha no dia após a explosão.

O dr. Sasaki passara o dia inteiro sem sequer olhar para fora; o que via dentro do hospital era tão terrível que não lhe ocorrera perguntar nada sobre o que acontecera para além daquelas paredes. Tetos e divisórias tinham caído; reboco, pó, sangue e vômito se espalhavam por toda parte. Pessoas atingidas morriam às centenas, mas não havia ninguém para remover os corpos (HERSEY, 2002, p.52).

A apresentação desses fatos no texto é capaz de produzir uma emoção no leitor que o ajuda a compreender o ocorrido para muito além dos números de vítimas. A experiência real das pessoas é exposta, sendo capaz de provocar uma compreensão mais efetiva da significância do ocorrido por parte dos leitores. No entanto, não é apenas de relatos de fontes que se constrói uma reportagem como *Hiroshima*. Mais do que ouvir as fontes, o jornalista deve analisar e compreender seus discursos, para que assim seja possível passar ao público as informações obtidas da forma mais realista possível.

“Entre o fato e a versão jornalística que se divulga, há todo um processo de percepção e interpretação que é a essência da atividade dos jornalistas” (LAGE, 2001, p.53).

Além disso, para a elaboração de um bom texto, é fundamental que os jornalistas entendam o acontecido de forma contextual, recorrendo também a especialistas e outras fontes secundárias, e realizando uma observação geral – do ambiente, das pessoas, enfim, do objeto da matéria. Hersey permaneceu no Japão durante 19 dias, de 25 de maio a 12 de junho de 1946, e nestes, além de entrevistar suas fontes, conversou com outras pessoas e observou os lugares nos quais a história se ambientou. A quantidade de material recolhida pelo autor foi o que possibilitou a composição de seu texto, que transparece fidelidade aos acontecimentos reais a partir de descrições intensas.

7 Precisão e exatidão

Escrever um bom texto jornalístico “é construir, com fatos, uma informação” (PINTO, 2009, p.199). De acordo com esta ideia, a composição de *Hiroshima* é uma excelente referência, uma vez que reúne um conjunto de estratégias que resultam na passagem de informações claras e convincentes, além de atrativas. Hersey demonstra no decorrer da obra que fez uma apuração profunda, pois é capaz de relatar uma totalidade de acontecimentos com uma particularidade explícita, tratando desde os detalhes até o contexto geral. Ele consegue, por exemplo, descrever o que pensavam os personagens no momento da explosão, demonstrando o contato profundo com as fontes, mas também dados estatísticos, como a que distância do alvo central estavam essas vítimas.

Ao ver o terrível clarão – que, diria mais tarde, lembrou-lhe uma história que lera na infância, sobre a colisão de um meteoro imenso com a Terra –, teve tempo (pois se encontrava a 1260 metros do centro) para um único pensamento: uma bomba caiu em cima de nós. Então perdeu os sentidos por alguns segundos ou minuto (HERSEY, 2002, p. 12)

A apuração de Hersey não destacou somente o número de mortos ou feridos, mas demonstrou como, a partir disso, a população também não tinha médicos para atender os sobreviventes e impedir mais mortes. “Dos 150 médicos existentes em Hiroshima, 65 estavam mortos e os restantes se encontravam, na maioria, feridos. Das

1780 enfermeiras, 1654 estavam igualmente mortas ou impossibilitadas de agir” (HERSEY, 2002, p.30).

Ao ter em mãos uma apuração tão precisa, Hersey consegue se desvencilhar de adjetivos e advérbios desnecessários, permitindo que as emoções se sobressaíam apenas através do relato de quem as vivenciou, em um texto que leva em consideração características básicas do jornalismo: separa fatos de opiniões, é de escrita simples, em ordem direta e com um vocabulário composto, sobretudo, por palavras usuais e de fácil compreensão, indo ao encontro do que diz Pena (2006): “o jornalista literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais” (PENA, 2006, p.13).

Belo (2006) destaca como o texto de Hersey é fruto de uma apuração rigorosa, e é denso, mas ao mesmo tempo claro. É válido ressaltar que uma das tarefas mais complicadas do profissional do Jornalismo é o desenvolvimento de um bom texto; afinal, uma palavra utilizada de forma indevida pode mudar todo o sentido da história. Além de ficar no Japão 19 dias, Hersey levou cerca de seis semanas para escrever a reportagem original – uma das potencialidades do Jornalismo Literário, permitida pelo fato de que o repórter “não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar sua reportagem” (PENA, 2006, p.14).

Esse texto original de Hersey continha 150 páginas, e acabou recebendo aproximadamente 200 observações da equipe da *The New Yorker*. No fim, a matéria foi publicada em 68 páginas, demonstrando outro fator que Belo (2006) aponta como fundamental no Jornalismo Literário – a participação dos editores. Como já dito, também foi o editor da revista, Willian Shawn, quem sugeriu contar “a verdade” sobre Hiroshima aos americanos.

8 Perenidade

Hiroshima faz um convite para toda a sociedade, visando debater a questão das bombas atômicas e seus impactos. Ou seja, leva à população uma informação de

interesse público, ressaltando a função social que o Jornalismo deve possuir. Justamente pelo aprofundamento dos fatos e pelo debate proposto, a obra ultrapassa a efemeridade – é possível lê-la hoje, mais de 70 anos após a publicação original, e ainda assim se sentir atraído e adquirir conhecimento a partir da informação apresentada.

“Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos” (PENA, 2006, p. 15).

É preciso destacar, ainda, o capítulo final do livro, que reflete a preocupação de Hersey com o Jornalismo. Mesmo já tendo obtido sucesso com a reportagem original, de 1946, ele decide retornar à Hiroshima 40 anos após a explosão da bomba e reencontrar seus personagens, trazendo ainda mais profundamente o contexto social e cultural do acontecimento, atualizando-o. O autor consegue reforçar seu engajamento social ao informar aos seus leitores como as consequências da bomba não se limitaram à explosão, mas foram intensas ao longo dos 40 anos seguintes, o que também diz respeito à perenidade da reportagem.

Neste capítulo, Hersey ainda levanta, de forma subjetiva, uma reflexão sobre o perigo nuclear, extremamente relevante para o desfecho da obra e sua perenidade. Ao longo das últimas páginas, insere diversos parágrafos em destaque, que quebram a narrativa para alertar sobre fatos relacionados ao perigo atômico que continuaram acontecendo no mundo após a explosão de Hiroshima, mesmo com a frase "Descansai em paz, pois o erro jamais se repetirá", inscrita no Cenotáfio Memorial de Hiroshima⁵: “Em 23 de setembro de 1949 a rádio de Moscou anunciou que a União Soviética fabricara uma bomba atômica” (HERSEY, 2002, p.147); “Em 15 de maio de 1957 a Grã-Bretanha efetuou na ilha Christmas, oceano Pacífico, seu primeiro teste com uma bomba de hidrogênio” (HERSEY, 2002, p.157); “Em 18 de maio de 1947 a Índia realizou seu primeiro teste nuclear” (HERSEY, 2002, p.160).

9 Considerações Finais

⁵ O Cenotáfio, monumento funerário, localiza-se no Parque Memorial da Paz de Hiroshima, inaugurado em 1954 em homenagem às vítimas diretas e indiretas da bomba atômica.

Na percepção de Pena (2006), fazer Jornalismo Literário é potencializar os recursos do Jornalismo, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide e, sobretudo, garantir perenidade e profundidade aos relatos. Nesse sentido, a partir das características aqui apresentadas, foi possível responder por que a obra de Hersey pode ser considerada uma predecessora do gênero. Ao analisar *Hiroshima* com base nos pressupostos teóricos de alguns autores da área, notou-se como, mesmo antes de receber a nomenclatura de forma oficial, a obra já continha muitos elementos que seriam capazes de caracterizá-la como uma representante do estilo.

Ao escrever *Hiroshima*, Hersey não deixa de lado aspectos fundamentais de qualquer redação jornalística – como apuração rigorosa, clareza e simplicidade do texto –, mas vai muito além. Adentra em um assunto difícil e já abordado e, mesmo assim, consegue trazer uma visão completamente nova e extremamente profunda, levando ao leitor informações significantes de como a explosão da bomba atômica sobre a cidade de Hiroshima afetou e ainda é capaz de afetar profundamente a vida de toda uma sociedade. O recurso da narrativa cinematográfica, em última análise, leva o leitor às ruas, parques, praças e espaços público de Hiroshima, no exato instante da explosão.

Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

FALCO, Alessandra de; GAMA, Danielle. **Jornalismo Literário em revista**: uma análise de conteúdo da revista Piauí. Verso e Reverso (Unisinos Online), v. XXIX, p. 44-52, 2015.

Disponível em:

<<https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/download/ver.2015.29.70.05/4537>>.

Acesso em: 08 fev. 2019.

FARIA, Nídia Sofia. **Jornalismo literário**: um olhar histórico para o gênero e suas características. Comunicação Pública (Online), Especial 01E, 2011. Disponível em:

<<https://journals.openedition.org/cp/210#text>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em:

<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HERSEY, John. **Hiroshima**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2003.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2012.

MENDONÇA, Luan Pazzini; CARDOSO, Anelise Zanon. **O Olho da Rua: o jornalismo literário na obra de Eliane Brum**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. Disponível em:
<<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1097-1.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

PELINSON, Fabiana. **Particularidades da pesquisa em Jornalismo**. In: Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2013, Santa Maria, Rio Grande do Sul. Anais do Sipecom, 2013. Disponível em:
<http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/09/Particularidades-da-Pesquisa-em-Jornalismo.pdf>. Acesso em: 15 jan. de 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário**: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: Publifolha, 2009.

RITTER, Eduardo. **John Hersey e os predecessores do New Journalism**. *Jornal Alcar*, v. 7, p. 1-10, 2013. Disponível em:
<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-7/john-hersey-e-os-predecessores-do-new-journalism>. Acesso em: 30 jan. 2019.

RITTER, Eduardo. **New Journalism**: o livre amor entre o jornalismo e literatura. *Rizoma*, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 56-70, jan. 2013. Disponível em:
<<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/3459>>. Acesso em: 16 jan. 2019.

WEISE, Angélica Fabiane. **Para compreender o jornalismo literário**. Observatório da Imprensa, São Paulo, 2013. Disponível em:
<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/_ed730_para_compreender_o_jornalismo_literario/>. Acesso em: 02 fev. 2019.